

MEDICINA E SUPERSTIÇÕES POPULARES DE VIEIRA

POR

CARLOS TEIXEIRA

O minhoto é, em geral, saudável mas, mesmo doente, emquanto se pode arrastar trabalha e labuta, sacrificando por vezes a sua vida ao amanho difícil dos seus campos ou às necessidades do seu gado, as vaquinhas mansas, companheiras queridas de trabalho e canseiras.

Ora na faina dos sachos, agüentando o calor de Junho e Julho que lhe queima a pele, o inunda de suor e cobre de pó asfixiante, ora carregando às costas pesados molhos e cestos de erva escorrendo água que o encharca e lhe entra pela cabeça para lhe sair aos pés, ora no rigor do inverno agüentando o trabalho da poda encarrapitado nas uveiras, ou de enxada em punho, cortando no monte o mato que lhe há-de dar estrume e forrar as côrtes, ora em Agosto, descalço, correndo entre o milho para melhor aproveitar a água fecundante e límpida que bem longe foi buscar, o minhoto nem tempo tem para pensar na sua saúde. Não se pode pois dizer que seja desleixado.

O trabalho deu-lhe a alegria que o caracteriza; a alegria deu-lhe a saúde e a fôrça, e estas a persistência, a vontade férrea que vence todos os obstáculos, salta tôdas as dificuldades.

Emquanto pode, resiste; o médico só em último caso é chamado à pressa.

A farmacopeia caseira é abundantíssima, desde práticas ingénuas em que a religião se junta à mais baixa superstição e em que a doença é tida como uma personalidade que se afasta com-

rezas e benzeduras, aos chás e defumadoiros e aos mais disparatados e irrisórios tratamentos. O remédio é Deus, diz o povo em sua linguagem. Curandeiros de profissão não há.

Embora muitos dos remédios usados sejam verdadeiramente disparatados, no entanto um grande número tem a sua explicação científica e, é preciso notá-lo, dão às vezes ótimos resultados, efeito talvez da sugestão, pela fé inabalável com que são tomados ou praticados.

Não raro se recorre a bruxas e feiticeiras e, se o indivíduo mostra sinais de ter diabo, leva-se, num dia certo, a São Bartolomeu de Cavez, ou põe-se-lhe a Senhora das Neves, da Lagoa, na cabeça.

E a terapêutica popular não esqueceu sequer o remédio contra os freqüentes achaques de dor de cotovêlo:

O alecrim do Castelo
Tem a fôlha recortada;
Para dores de cotovêlo
Não há coisa mais provada.

E não esqueceu também os afamados chás de arestas ou de cabeças de prégos, muito bons... «para não tossir depois de morto».

A superstição desempenha também um papel importante na vida minhota, e como por vezes é difícil delimitar o campo puramente supersticioso do campo puramente medicinal aqui juntamos os dois.

Todos os factos e notas etnográficas aqui arquivadas fôram reunidas ou observadas por mim na freguesia de Roças, do concelho de Vieira do Minho, situado a nordeste da cidade de Braga.

Dada a pouca bibliografia que tenho à mão não posso indicar a maior ou menor generalização de certas práticas.

Aparições diabólicas:

São freqüentes as aparições do diabo, que se apresenta sôbre várias formas; ora é uma sombra, ora um animal, ora um homem, até.

Tenho notado que aparece só de noite e não conheço casos em que êle tenha aparecido a mais que uma pessoa juntas.

Em conclusão, parece-me que tudo isso não é mais que medo e sugestão.

Correm, no entanto, as mais diversas histórias sôbre tais aparições, e casos há em que elas não ocasionaram só o susto mas produziram a morte. Cita-se até, freqüentemente, o caso dum indivíduo, grande jogador de pau, que dizia que nem ao diabo tinha medo. Pois uma noite teve de defrontar-se com êle num caminho deserto e solitário. Só de manhã chegou a casa, cansado e esfalfado e, poucas horas depois morreu, acrescentando a tradição, que a cabeça lhe ficou voltada para as costas!

Acredita-se nesta região que, quem levar o dedo polegar da mão esquerda fechado e apertado pelos outros, está livre destas aparições, muito freqüentes, acredita-se também, a quem faltar alguma palavra do baptismo.

Esconjura-se o diabo dizendo três vezes esta oração e fazendo cruces:

Eu te esconjuro diabo
Tista com tista;
São Pedro e São Paulo
E São João Baptista
Em volta de mim assista.
Abrenuntia.

Bruxas e feiticeiras:

Não é raro o caso em que o povo recorre a alguma bruxa para sarar de qualquer mal.

A mais conhecida aqui é a de Escarei, perto de Ribeira de Pena.

Acredita-se também em feiticeiras, apontando-se esta ou aquela como tal. E diz-se que à noite, nuas, depois de espojadas na cinza da lareira e untadas com um óleo só delas conhecido, saem pelo buraco da fechadura e lá vão guiadas pela mais velha, que vai dizendo e repetindo:

Por baixo de portelêdos
Por cima de silvarêdos...

Ora são luzes que vão correndo de monte em monte, acendendo-se e apagando-se e correndo, a vingar-se de quem com elas se meteu e não teve a cautela de agarrar na fralda da camisa, ora sombras que fecham janelas com estrondo, ora isto, ora aquilo.

Conta-se que duas feiticeiras entraram uma noite numa adega para provar o vinho. Eram mãe e filha. A certa altura, porque se entornou algum vinho, a filha exclamou «ai Jesus».

«Ah! disseste alcaçuz, agora fica aí», tornou-lhe a mãe saindo pelo buraco da fechadura ao ouvir pronunciar o nome de Jesus. E ela lá ficou, nua como estava.

Feitiços e bruxedos:

É fértil a crença popular em feitiçarias e bruxedos.

Quando alguém tem raiva a uma pessoa e se quer vingar dela, agarra um sapo, cose-lhe a bôca com uma linha e deita-o seguidamente a um ribeiro ⁽¹⁾. Consoante o animal, tão cruel e estúpidamente sacrificado, se fôr secando e mirrando, assim a pessoa visada se vai engaranhando e secando também ⁽²⁾.

A môça que passar uma côdea de pão à volta da cinta do-

namorado e a puser depois por cima da porta da sua casa tem a certeza que êste jamais a deixará e muitas vezes virá vê-la.

Um copo de vinho com algumas gôtas (em geral três) de sangue menstrual de mulher, é um verdadeiro filtro de amor...

A môça que consiga fazê-lo beber a um môço, tem a certeza que daí para o futuro a vontade dela é a vontade dêle, e que jamais a trocará por outra.

Para tal pode servir também um bôlo. E a lenda popular conta que certa rapariga, querendo que o namorado a não deixasse, fêz um bôlo para lhe dar a comer, dizendo muitas vezes enquanto êle se assava:

Coze-te, coze-te minha bôla
Faz com que quem te côma
Por mim morra...

O rapaz, porém, desconfiando da cilada, em vez de o comer deu-o ao cavalo.

E acrescenta a lenda que sempre que o cavalo passava naquela aldeia não havia modo de o tirar de ao pé da casa da rapariga.

Também um caco, enfeitiçado e colocado num caminho, comunica o feitiço à primeira pessoa que por ali passar!

Oração dos ovos:

Quando se *lança* uma galinha deitam-se os ovos no ninho aos punhados, dizendo:

Em louvor de São Salvador
Saia tudo pitinhas
E um só galador.
Padre-nosso, Avé-Maria (1).

(1) Outras vezes é atirado para debaixo da cama da pessoa a quem se quer mal.

(2) Na expressão popular fazer feitiçaria a alguém é fazer-lhe *endrômina*.

(1) Vd. prática semelhante em *Tradições Populares de Barroso*, por F. B. Barreiro, in «Revista Lusitana», vol. XIX.

À volta do pão:

Depois de arrumada a massa a um canto da masseira, a amassadeira traça sôbre ela, com a mão, uma cruz, dizendo:

São Mamede te levede
 São Vicente te acrescente
 Como o fole da semente...
 E nós a comer, a comer,
 Sem te poder vencer.

Acabando por dar três palmadas na parede exterior da masseira, com a mão.

Muitas vezes, para que levede melhor, metem no meio da massa um casco de cebola ou uma fôlha de loureiro e, há quem, com o mesmo fim, a cubra com as calças dum homem.

Padejadas as broas e encarrapitadas uma a uma sôbre a pá, lá vão para o forno, enquanto a forneira diz, fazendo cruces com a mão enfarinhada:

Benza-te Deus
 Dentro do forno
 E fora do forno
 Como a graça de Deus
 Pelo mundo todo.

Para talhar o bicho:

O « bicho » é qualquer inflamação que aparece no corpo e que o povo atribui à passagem dum bicho peçonhento, uma aranha por exemplo, por essa região.

Para o talhar pega-se numa faca, que ha-de ser só de ferro, e numa vara de urze, onde se dão três golpes, dizendo de cada vez:

Bicho, bichão
 Cobra, cobraão
 Sapo, sapão
 Aranha, aranhão
 Bichos de tôda a nação
 Bichos que viveis e reinais
 Na graça de Deus não andais
 Sêcos, mirrados sejais.

E atira-se com a vara golpeada ao lume.

Nos porcos o bicho toma o nome de *rabunhão* e é atribuído à passagem de algum sapo pelo ninho, manifestando-se pelo aparecimento de grandes *borbulhões* na pele. Cura-se fazendo-lhe uma *barrada* bem quente com cinza da barrela e vinagre, ou deitando-lhe no ninho um punhado de cinza e outro de sal.

Outra maneira de talhar o bicho, mais completa nas palavras, embora a prática seja a mesma, é:

Jesus. O Santíssimo nome de Jesus me ajude
 Deus queira que onde
 Eu puzer a minha mão
 Ponha o Senhor a virtude.
 Se é bicho ou bichão
 Se é cobra ou cobraão
 Se é sapo ou sapão
 Se é sardoa ou sardão
 Se é lagarto ou lagartão
 Se é aranha ou aranhão
 Se é mosca ou moscão
 Se é centopeia ou centopião
 Todos os bichos e bichas
 Que se tratam por nome são.
 Consante vós comeis
 E bebeis
 E rabiais
 E graças ao Senhor não dais
 Sêcos, mirrados sejais.

Diz-se três vezes, cortando de cada vez uma vara de urze com uma faca só de ferro.

Arremesso dos dentes:

Os rapazes quando lhe caem os dentes voltam-se de costas para o forno e atiram-nos para cima dêle, dizendo:

Dente fora
 Outro novo na cova

ou

Dente fora
 Cag..... na cova.

Outras vezes, em vez de os atirarem a cima do forno, arremessam-nos à torreira da cinza ⁽¹⁾.

Ninhos :

Se descobrem algum ninho os rapazes ao contá-lo aos outros têm sempre o cuidado de só falar em *pedrinhas* e *sapinhos* ⁽²⁾, porque se falam em ovos e passarinhos as formigas ouvem, e depois vão lá e comem-nos. Semelhantemente procedem as pastoras suecas ao falarem do urso e do lobo, que lhes atacariam os rebanhos se lhes falassem nos seus nomes. Os habitantes de Kamtchatka procedem igualmente com o leão e muitas tribus assim procedem com o seu totem, segundo o testemunho de Frazer.

À cata dos grilos :

Os rapazes divertem-se por vezes a apanhar grilos, que depois ligam aos pares como se fossem bois. Para os esquiçar serve uma palha fina, e enquanto os esquiçam vão dizendo:

Grilinho, grileiro
À porta está um cruzeiro

ou

Grilinho, grileiro
Está à porta o João gaiteiro

ou

Grilinho à porta
Que andam as cabrinhas na horta

ou

Grilinho sai, sai
Que mataram o teu pai.

(1) No Marco de Canavezes dizem: « Dente fora, cag. . . . na toca ». Sobre o arremesso do dente ver — Santos Júnior, *Nótula sobre o arremesso do dente*, in « Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etnol. », págs. 363 a 368.

(2) Em Rio Caldo (Gerez) dizem *seixinhos* e *pelatinhos*, e depois do ninho ter passarinhos não se deve ir ver, porque os pais sabê-lo-ão pelo *bafo* e *engeitam*. (Pelatinhos = peladinhos).

Ao jogar a pedrinha ouve-se por vezes entre eles também, como reza com que os companheiros perderão à certa:

Engaranho, engaranho
Como os cornos do meu anho.

Modo de talhar o « doce » :

Quando uma ferida se torna sangrenta e vermelha, como se tivesse estado ao lume, diz-se que ganhou « doce ».

É preciso talhá-lo então. Para isso passa-se-lhe uma pena molhada em azeite, recitando ao mesmo tempo a oração seguinte:

Talho-te doce
Da lareira e do lar,
Do moinho e da igreja
E do ferro marteiral ⁽¹⁾.
Se te der por traz
Senhor São Braz;
Se te der pela frente
Senhor São Vicente;
Se te der pela banda
Senhora Sant'Ana . . .
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Rezemos um padre-nosso
E uma Avé-Maria . . .

Modo de talhar o ar e a inveja:

Qualquer pessoa pode ser atacada do mal da inveja ou ter ar. É então preciso talhá-lo.

Toma-se uma tezoura aberta, põe-se um crucifixo por trás, e à frente uma faca colocada transversalmente. Com êste dispositivo seguro na mão faz-se o sinal da cruz ao doente, dizendo:

Corto e talho êste ar
Para que mais êle aqui
Não possa entrar

(1) Marteiral — Adej. deriv. de marteiro (martírio) (?).

Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Que mēzinha faça,
Que mēzinha faria;
Em seu louvor
Padre-nosso, Avé-Maria...

Repetindo-se três ou nove vezes.

Depois continua:

Faço cruz de Cristo aqui
Coisas más fugi daqui,
Lá no campo do José
Que nome de Deus fato é (?).
O Senhor permita
Que o corpo do doente
Fique são e salvo
Como na hora em que foi nado..
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Que mēzinha faça
Que mēzinha faria
Padre-nosso, Avé-Maria.

Fazendo três vezes o sinal da cruz como anteriormente.

Toma-se depois alecrim, salva, arruda, sal, três pingas de azeite, três bocaditos de bosta da porta do forno e um raminho de giesta da vassoura de varrer a casa e defuma-se o doente três vezes ao toque da SS. Trindade. A cinza, depois disto queimado, leva-se a um rēgo de água ou a uma encruzilhada.

Seguidamente pega-se numa roca e faz-se com ela o sinal da cruz sôbre o doente, dizendo:

F... se vês que estás pejada
Com boi ou vaca ou burro
Por ti te despejo de lá para fora.
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
Que mēzinha faça
Que mēzinha faria
Em seu louvor
Padre-nosso, Avé-Maria..

Mau olhado:

Só as mulheres botam mau olhado, havendo algumas que só em olhar para as coisas, mesmo sem querer, o botam. E então as vacas estacam no meio do caminho, a teia enrodilha-se, a pessoa seca-se, tudo corre mal.

Para o lançar fora benze-se a coisa atingida com a parte dianteira da fralda da camisa dum homem, fazendo o sinal da cruz sôbre ela. A fralda da mulher não serve.

Contra o mau olhado é costume ainda, quando as vacas parem, atar-lhe uma fitinha vermelha no rabo, para as preservar de tal perigo.

Quem levar a fralda da camisa agarrada na mão o mau olhado não entra com êle.

A «fraga das penas más»:

As fragas das Penas Más ficam situadas no Rio Mau, na freguezia de Salamonde, e de longe são visitadas pela gente de outras freguezias que aí vão passar as crianças doentes.

E embora a freguezia, onde tiro estas notas, seja muito distante dēste local, alguém me informou que, algumas vezes, gente daqui lá foi também.

Vai-se de noite e é preciso ir por um caminho e voltar por outro, senão a criança não sarará. Vai a passadeira e outra mulher, a criança e o acompanhamento para tornar o medo àquelas.

Chegados ao local, a passadeira volta-se para a nascente do regato, arregaça a saia e abre as pernas, recebendo por entre elas a criança que a outra mulher lhe dá pela rectaguarda, perguntando ao mesmo tempo:

Que é que tu me dás?
— Doenças das penas más.

Responde a segunda, repetindo-se isto três vezes.

Seguidamente vestem uma camisa nova à criança e a passa-

deira, voltada agora para a foz do rio, em idêntica posição à anterior, passa a camisa velha, que foi tirada à criança, por entre as pernas, dizendo:

Raios partam Satanaz
Na fraga das penas más
Camisa maldita
Camisa doente
Que o mal não sente
Na tua ida para o mar
A doença levarás
Que esta criança traz
Raios partam as doenças
Raios partam Satanaz
Viva aquela criancinha
Curada nas penas más...

Atirando com a camisa à água, terminando assim a prática curativa.

Oração à lua:

A lua, como o sol, é um espírito mandado por Deus. Para que a lua seja propícia a uma pessoa, esta deve dizer ao ver pela primeira vez a lua nova:

Benza-te Deus lua nova
Quantos males eu tiver
Quantos vão de mim para fora
Emquanto esta lua durar
Mal ruim comigo não possa entrar;
Emquanto eu com outra me não benzer
Mal ruim não me possa impècer
Padre-nosso, Avé-Maria, Salvé-Rainha...

Ínguas:

Quando aparece uma íngua, para que ela desapareça imediatamente, deve ir-se de noite ao cobêrto dos carros e, subindo para o cabeçalho dum, dizer, virado para uma estrêla:

Estrelinha, esta íngua
Diz que seques tu;
Mas eu digo que seque ela
E que medres tu.

Diz-se isto três vezes e faz-se o mesmo três noites seguidas.

Entorses:

Quando alguém tem um pulso ou um pé aberto, é preciso cosê-lo.

Para isso põe-se ao lume um púcaro de barro, cheio de água, esperando-se que ferva. Vira-se então a água numa bacia, mergulhando nela o púcaro de bôca para baixo, o que provoca a aspiração da água. Sôbre o fundo do panêlo, onde se põe uma tesoura aberta, coloca-se a região a coser. Arranja-se uma linha, que se enfia na agulha sem lhe dar nó, e um novêlo.

Segurando o novêlo na mão esquerda e, na mão direita a agulha, passa-se esta pelo novêlo, dizendo:

Eu que coso?
— Braço aberto, fio torto.
— Isso mesmo é que eu coso.
Padre-nosso, Avé-Maria...

Faz-se isto três vezes e três dias seguidos (1).

Erisipela:

São variados os processos que em Vieira usam para talhar a erisipela.

No mais simples, toma-se uma corôa de prata e andando com ela à volta do lugar atingido da doença, diz-se:

Eu te talho ar de zipela
E ar de zipelão.
Ar de zipela sai-te daqui,
Prata lavrada vai atrás de ti.

Noutro processo toma-se um raminho de sempre-verde molhado em azeite, e, andando com êle à volta da ferida, diz-se:

Eram três pombinhas brancas,
Uma foi ao monte
Outra foi à fonte

(1) Vd. prática semelhante e bibliografia em J. R. Santos Júnior, *Notas de Medicina popular trasmontana*, Pôrto, 1929, págs. 28 a 31.

E outra encontrou a Virgem Maria
 E lhe contou em que fogo ardia...
 A Virgem Maria lhe respondeu
 Que talhasse a erisipela
 Três vezes ao dia
 E rezasse três padre-nossos
 E três Avé-Marias...

Num outro processo toma-se também um raminho de sempre-verde, molhado em azeite, dizendo, enquanto se vão fazendo com êle cruzeiros sôbre a região lesada:

Pedro e Paulo foi a Roma
 Jesus Cristo o encontrou
 E lhe perguntou:
 — Pedro e Paulo que vai por lá?
 — Senhor morre muita gente
 De erisipela e póla má.
 — Pedro e Paulo torna lá
 Dá-lhe com palma e lima...
 Rosa maldita que aqui nasceste
 Em tempo de geada,
 Chuva e tempestade
 Em nome de Jesus Cristo
 Como isto é verdade
 Nunca mais êste mal
 Aqui lavre.

Repetindo-se três vezes.

Outra maneira de talhar a erisipela:

Tomam-se três pingas de azeite, três areias de sal e uma pouca de água e, com um ramo de sabugo ou sempre-verde formado por três raminhos, cada um com três fôlhas, unta-se com êste líquido a parte lesada, dizendo:

— Como se chama?
 F... de Jesus
 Zipela me come imprói. (1)
 Com que a curemos?

(1) Impói = e me rói (?)

— Com agüinha da fonte,
 Ervinhas do monte,
 Areinhas do mar...
 Sai-te daqui zipela
 Que F... de Jesus
 Não te pode suportar.
 Em virtude do Santo nome de Jesus.

Faz-se nove vezes e em três dias seguidos.

Outro processo ainda, em que parece estarem refinidos os dois anteriores, é o seguinte:

Toma-se um raminho de oliveira com nove fôlhas, três pinguinhos de azeite e três areias de sal e, molhando as fôlhas neste líquido, fazem-se cruzeiros sôbre o mal, dizendo:

Pedro Paulo foi a Roma,
 Jesus Cristo o encontrou
 E o Senhor lhe perguntou:
 — Pedro Paulo que vai pela tua terra?
 — Muita zip'la e muita zipela,
 Muita gente morre dela.
 — Pedro Paulo volta para traz
 E talha-lha com raminhos de oliveira
 Areinhas do mar
 E azeite da candeia
 Que ninguém morrerá dela.
 Avé-Maria.

Diz-se isto nove vezes, tirando de cada vez uma fôlha ao raminho de oliveira.

O processo que vou citar é menos usado.

Toma-se um ramo de sempre-verde com três galhinhos, cada um com três folhinhas, que se passa pelo lume, e com o qual se rodeia depois a região atacada de erisipela, dizendo:

Eu que talho?
 — Zipela e zipelão
 Zipela saltadeira
 Bailadeira
 Que não lavres mais
 Nem deixes os teus sinais

Pelo poder de Deus
 E da Virgem Maria
 Que mēzinha faça
 Mēzinha faria
 São Pedro e São Paulo
 Apóstolo São Tiago.
 Vem a mim amor,
 Vem às cinco chagas de Nosso Senhor
 Sempre-verde honrado
 Que na cama de Jesus Cristo
 Foste achado.
 Aqui talho este cão,
 Este *reburado*
 Para que este mal
 Aqui não layre mais
 Nem deixe sinais.

Mal, mal vai-te ó mar
 Que o corpo de F... não te pode suportar.
 Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
 Que mēzinha faça
 Mēzinha faria.

Outro modo ainda de talhar a «zipela» é o seguinte: arranjam-se três raminhos de oliveira com três fôlhas cada um e, tomando um por cada vez, molha-se em azeite misturado com água, e depois passando sôbre a região molestada, diz-se ⁽¹⁾:

Pedro Paulo foi a Roma
 Pedro Paulo lá tornou
 Com Jesus Cristo se encontrou
 E êle lhe perguntou:
 — Pedro Paulo que vai pela tua terra?
 — Senhor muita zipela, muita zipela
 E muita gente morre dela.
 — Pedro Paulo torna lá
 E atalha-lha com esparto do monte
 E azeite da oliva
 E água da fonte
 Que ela secará.

(1) Vd. práticas semelhantes e bibliografia em Santos Júnior, *Notas de Méd. pop. trasmont.*, cit., págs. 45 e segs.

Pelo poder de Deus
 E da Virgem Maria
 E do apóstolo senhor São Tiago
 Para que o meu corpo torne a seu estado
 Consante foi nascido e gerado.
 Em seu louvor: Avé-Maria.

Faz-se nove vezes e em três dias.

Mais uma maneira de talhar a «zipela»: toma-se um ramo de sabugueiro e, molhando-o em azeite, passa-se sôbre a região afectada, dizendo:

Sempre-verde bem-aventurado,
 Que nasceste sem ser semeado,
 Tira-me este doce e este roburado
 Que no meu corpo tem entrado.
 Pelo poder de Deus
 E da Virgem Maria
 Que mēzinha faça,
 Que mēzinha faria.
 Em seu louvor
 Avé-Maria.

Raiva:

Contra a raiva, nada mais conheço que esta oração de S. Romão, advogado de cães danados:

Encomendo-me eu à luz,
 E à santa bela Cruz,
 E à flor da verdade,
 E a São Romão
 Que em Roma está
 Que me livre de cães danados
 E por danar.
 Sou morto do mau encontro
 Sou vivo do maior perigo
 São Romão seja comigo.

E esta outra passagem do responso de Santo António:

Maria Santíssima
 Me livre de lobos, de lobas
 De cães, de cadelas
 De águas do rio,

De ferros de el-rei
E das más tentações
Que são piores que o demónio,
Ó meu padre Santo António.

Bichas:

São múltiplos os remédios caseiros usados para expulsar os vermes intestinais.

A infusão de hortelã moira, o suco de artemísia esmagada e espremida, o sumo de limão verde, são bastante usados como remédios infalíveis.

Um outro remédio obtém-se espremendo um limão, deitando-lhe no sumo alguma cinza e umas gotas de azeite, mexendo tudo durante vinte minutos ou meia hora e bebendo-o em seguida.

Outro remédio obtem-se com urtemige (artemísia) e alhos pisados, fritos em azeite. Com esta pasta esfrega-se a barriga do indivíduo atacado, para as bichas desennovelarem.

A água de fôlhas de codeço pisadas é usada também... mas para as bichas das vitélas.

A propósito, não deixarei de registar aqui o facto seguinte, que a tradição popular conserva:

Um rapaz, estendido no chão, contorcia-se com dores de barriga. Chega na ocasião um velhote, muito *pândego*, que se propõe logo sará-lo. E, muito sério, recita-lhe esta exquisita oração:

Se tu tinhas bichas
Porque mo não dizias,
Que eu t'as tiraria
Com três palhas alhas,
E fumo de três bugalhas
E três p..... meus,
E três do Mateus,
E três do meu cão...
Vai-te embora toleirão,
Que já estás são.

É de facto, segundo se diz, o rapaz sarou.

Previsão do sexo:

A mulher grávida que queira saber antecipadamente o sexo da criança que há-de nascer, toma uma castanha *bolerca* ou *choucha* e, pondo-a sôbre as brasas do lume, espera um pouco. Se a castanha fizer ffff... é rapaz; se se queimar sem ruido, é uma rapariga (1).

Um outro processo consiste em observar como a grávida traz a cara. Se a mulher traz a cara farrusca, isto é, com *pano*, traz uma rapariga; se a cara mostra um aspecto frêsko sem *pano* é, à certa, um rapaz.

Outra maneira de predeterminar o sexo é reparar, quando a grávida vai a subir uma escada, qual é o pé que *bota* primeiro. Se fôr o esquerdo, é rapariga; se fôr o direito, rapaz.

Há outro processo ainda, que não é mais que uma variante dêste. Junto da grávida, deixa-se cair qualquer coisa, para dar ensejo a que ela se agache para a apanhar. Se, ao agachar-se, ela ergue o pé esquerdo, é rapariga; se ergue o direito, é rapaz.

Gravidez e parto:

Se uma mulher não *vinga* os filhos, isto é, se estes morrem antes de atingirem o desenvolvimento fetal completo, recorre então, quando novamente se encontra grávida, à seguinte prática:

Dirige-se uma noite à ponte de Domingos Terno—podendo ser outra qualquer, mas sendo condição necessária que sôbre ela tenha passado o senhor arcebispo,—e aí espera que amanheça. A primeira pessoa que atravessar a ponte há-de baptizar a criança, aspergindo com água do rio a barriga da grávida. Esta

(1) Prática igual foi colhida em Moncorvo, pelo dr. Santos Júnior e publicada a pág. 14 do seu trabalho *Notas de Med. pop. trasmont.*, já cit.

mesma pessoa há-de ser mais tarde o padrinho, ou madrinha, da criança, que há-de nascer robusta e sã ⁽¹⁾.

Quando o parto é dificultoso e demorado, faz-se subir acima do telhado da casa uma menina virgem, que exclamará:

Ó Senhora de Salto
Valei a esta mulher que está em parto.

Repetindo isto umas poucas de vezes.

Se a parida não livra, isto é, se tardam as secundinas, faz-se com que ela bufe a uma garrafa e, seguidamente, defuma-se com alecrim, por causa do mau olhado.

É interessante também o processo de que usam para que as vacas *livrem*.

Vai o dono da vaca a uma horta e, isto é condição necessária, colhe três fôlhas de couve, e dando-as a comer ao animal, livrará imediatamente.

Terá mais virtude esta prática se cada fôlha de couve fôr colhida numa horta diferente e, deixará de ter eficácia, se o dono das couves presenciar o supersticioso roubo.

As crianças recém-nascidas são, em geral, defumadas com arruda, alecrim, salva, bosta do forno, sal, três pingos de azeite, etc. (às vezes 21 elementos), dizendo-se:

Dois te deram
Três te tiram:
Pai, Filho e Espirito Santo...

Após o baptizado, a madrinha põe a criança sôbre o altar de Nossa Senhora das Dores, para que não tenha dores.

(1) Em Ruivães as mulheres que sofrem abortos consecutivos fazem a mesma prática na ponte de Misarela, que o povo crê que foi feita pelo diabo. Esta prática é belamente descrita no livro de Ferreira de Castro, *Terra Fria*.

Maleitas:

Para as maleitas, bastante raras nesta região, usava-se outrora um remédio em que entrava limão e aguardente. A pessoa que me informou não soube dizer mais. É interessante o que fazem os rapazes depois de tomarem banho, para se livrarem das maleitas.

Voltam-se de costas para o rio e tomando dois punhados de areia atiram-na por cima dos ombros para trás das costas, dizendo três vezes:

Maleitas a Braga,
Maleitas ao Pôrto,
Maleitas fora do meu corpo.

E só depois é que se vestem.

Cravos:

Quando alguém tem verrugas, na linguagem vulgar chamadas *cravos*, promete a São Bento ⁽¹⁾ um ramo de cravos se êle o sarar e o livrar delas. A estranha promessa provém talvez da homofonia das palavras, porque a semelhança entre a flor e a verruga não é assim manifesta.

Como remédio, é por vezes usada também a água forte para as queimar.

Um outro remédio é atar-lhe em volta um cabelo, o qual pouco a pouco, irá cortando a incómoda verruga, que finalmente cairá.

Asma:

Arranja-se uma tripa de porco bastante comprida, e faz-se com que o doente lhe bufe numa extremidade, enquanto a outra se dá a um gato que, seduzido pelo cheiro da carne, raivosamente lhe pegará e tentará fugir com ela. Está a ver-se a eficácia absoluta de tal remédio...!

(1) São Bento da Porta Aberta, mais conhecido pelo milagroso São Bentinho.

Para a asma é também usado fumar cigarros feitos com folhas de bretónica torrada e moída — *Melithis melissophilum*, Lin.

Ventre caído:

O ventre caído é de fácil diagnóstico. Quando uma criança anda continuamente destemperada e lança fora tudo quanto come, tem, à certa, o ventre caído.

E é preciso erguê-lo quanto antes.

Procura-se então uma casa em que haja uma porta de entre-meio virada ao nascente, servindo mesmo uma janela, e erguendo o menino de pernas para o ar debaixo da porta, diz-se:

Ventre caído,
Ventre emprastado
Torna a teu estado
Donde foste nascido e gerado...
Assim como esta porta está
Virada para o nascente,
Assim te Deus Nosso Senhor sare
Dês hoje para todo o sempre.
Avé-Maria.

Faz-se isto três vezes e em três dias seguidos.

Impigens:

Um remédio aconselhado para as impigens é o suco amarelo da seruda — *Chelidonium majus*, Lin. — com que se esfrega a região atacada.

Um outro é: Pela manhã, ainda em jejum, o indivíduo que tem a impigem vai à torreira e molhando o dedo indicador da mão direita na bôca mergulha-o na cinza. Correndo depois o dedo encinzado sobre a impigem à volta ou em cruz diz:

Impija, rebija
Sai-te daqui
Que cinza e borralho
Vai atrás de ti.

Faz-se isto três vezes cada dia e em três dias seguidos.

Um outro remédio obtém-se reduzindo a pó bocados de jornais queimados e deitando êste pó sobre a impigem.

Um remédio, também freqüente, consiste em, logo de manhã, em jejum ainda, passar sobre a impigem um dedo molhado em saliva, dizendo:

Impija, rabija
Sai-te daqui
Que eu já hoje comi e bebi.
Assim como isto é verdade
Assim tu medres aqui (1).

Diz-se três vezes.

Folgo-lobo:

O folgo-lobo é um bicho cuja mordedura produz grandes dores. Se acaso êle junta «o c... com a cabeça» a pessoa mordida morre.

Para o talhar diz-se:

Folgo-lobo vou talhar
Com azeite da oliva
E cinza do lar
Para que êle aqui não cresça
Nem possa medrar...
Para que não ajunte
O c... co'a cabeça.

Passando sobre a ferida as ervas do folgo-lobo molhadas em azeite e cinza (2).

Dores de dentes:

São variados os remédios contra a dor de dentes.

Um defumadoiro com alecrim, bosta sêca da porta do forno e centeio em grão é usado como remédio muito eficaz.

Outro remédio é pôr sobre o dente que doi um dente de alho, quente nas brasas. Quanto mais quente melhor fará.

(1) Vd. *Crençices e Linguagem de Pedroso*, por Rocha Beleza em «Revista Lusitana», vol. XIX.

(2) Não consegui saber de que ervas se trata.

O mesmo dente de alho aquecido e metido no canal auditivo do lado em que está o dente dorido, passa por ser muito bom.

Um remédio também empregado é o fermento.

Em tôdas as casas não deixa de haver nunca um *vidro* com aguardente do fumo, que é esplêndido específico contra dores de dentes e outros males.

O petróleo, o incenso e a urina são muitas vezes usados também para abrandar as dores de dentes.

Além dos simples defumadoiros, de que já falei, usam fazer por vezes os chamados *sódoiros*.

O indivíduo a quem doem os dentes mete-se na cama e, bem coberto, debruça-se para fora, apanhando na cara os vapores que saiem dum pote em que se ferveram fôlhas de alecrim, fôlhas de cana, fôlhas de arruda, fôlhas de salva e fôlhas de hera.

Desesperado com a dor, certo indivíduo, segundo êle próprio mo contou, lançou mão doutro remédio que lhe foi duma eficácia absoluta. Tomou um garfo e meteu-o no lume até ficar reluzente. Depois queimou a gengiva à volta do dente que lhe doía.

Não deixarei, já agora, de citar mais um caso. Um mção estava com uma grande dor de dentes. Encontrando-o certo indivíduo, no monte, mandou-o pôr sôbre um penêdo, ajoelhado e com as mãos debaixo dos joelhos, dizendo depois:

O F... com uma dor de dentes está
E a mim pouco se me dá.

O que é certo, diz ainda a tradição, é que o dente deixou de doer e o rapaz foi a saltar de contente para casa.

Tumores, abcessos e espinhas:

Para que venham à supuração os tumores, os abcessos e as espinhas, deve aplicar-se sôbre êles um casco de cebola com azeite ou com fermento.

Outro remédio é colocar sôbre êles uma fôlha de silva (*Rubus*) com mel.

É aconselhada também, como eficaz, a aplicação de fôlhas de amieiro (*Abnus glutinosa*, Gaert.) embebidas em azeite.

Uma papa feita com farinha de milho e água, aplicada sôbre o tumor ou o abcesso, é tida como um remédio excelente.

Um remédio, ainda, muito bom para fazer puxar os tumores ou os abcessos é a aplicação sôbre êles, continuamente, de panos molhados em vinho.

Queimaduras:

Para as queimaduras é muito usada a aplicação, sôbre elas, duma pasta que se obtem fritando coucelos (*Cotiledon umbilicus*, Lin.) em azeite.

É também muito bom cobrir a região queimada ou escaldada com óleo de linhaça, que impedirá que enfolache.

A imersão da parte queimada em água fria é também usada.

A aplicação de azeite virgem é aconselhada como muito boa.

Mas de todos os remédios há um que é estúpido e brutal. É a aplicação sôbre a queimadura de excremento de boi (bosta) misturada com sal, o que deve causar grandes dores.

Engasgados:

Quando alguém se engasga ao comer, porque alguma migalha lhe passou à laringe, deve, quem estiver presente, dar-lhe dois murros fortes nas costas, dizendo:

Desadormece Vicente,
Não durmas sempre...

Reumatismo:

Contra dores de reumatismo dão esplêndidos resultado as fricções com unto de cobra. Apanhada uma cobra grande, corta-se-lhe palmo e meio de cabeça e palmo e meio de rabo, abre-se depois e tira-se-lhe a parte gordorosa. É crença geral que êste

unto atravessa todos os vasos, só se conservando dentro da cascada dum ovo.

Outro remédio obtem-se pisando a seruda e assando-a depois debaixo do borrarho, embrulhada numa fôlha de couve e misturada com gordura de porco. A pasta assim obtida aplica-se, bem quente, sôbre a região onde a dôr se manifesta.

Fricções de urina quente são também aconselhadas como boas para as dores de ossos e pontadas.

Outro remédio contra as dores de ossos é o cêbo de texugo, derretido, que se usa em fricções.

Para fricção, e contra o mesmo mal, se guarda, na ocasião da matança, dependurado ao fumo, o fel e o órgão genital do porco.

Um remédio considerado eficaz na dor de ossos e mesmo na inchação dos pés, é o seguinte:

Arranja-se uma certa quantidade de fêno das pontas da erva castelhana ou molar, e coze-se, durante muito tempo, num pote grande, cheio de água. A água fica da côr do vinho. Mete-se depois o membro atacado de dores nesta água, o mais quente que se possa suportar.

Ferimentos:

Quando se dá um golpe, são usados como hemostáticos as raspas de chapéu velho e as teias de aranha.

Quando se solta o sangue pelo nariz, é bom pôr nas costas do indivíduo, a quem êle se soltou, uma cruz feita com duas palhas. Para ser eficaz o indivíduo não deve dar conta que lha puzeram.

Bicha solitária:

Para a expulsão dêste parasita é muito bom o chá de raízes de romanzeira (*Punica granatum*, Lin.).

É aconselhado também, como bom, o comer bacalhau cru, salgado, em grande quantidade, durante algumas manhãs, e em jejum.

Um outro remédio é comer pevides de abóbora menina.

Sarna:

É usada, contra êste incomodo mal, untar o corpo com carne gorda e enxofre, durante três dias seguidos.

Um remédio definitivo e eficaz embora brutal e grosseiro, só usado quando a sarna resiste ao primeiro tratamento, é o petróleo. À noite, a pessoa que tem a sarna embrulha-se num lençol embebido em petróleo e mete-se na cama... É certa a cura.

Cólica e dores de barriga:

Contra a dor de cólica é remédio eficaz tomar um ôvo *borne* em que se faz um buraquinho deitando-lhe dentro, por aí, lixo (excremento) de galinha, sêco e reduzido a pó. O remédio é mais eficaz se o excremento fôr de galinha preta. Garante-me pessoa ilustre que viu já fazer êste remédio com óptimos e imediatos resultados. O chá de fôlhas ou de *tonas* sêcas de pepino branco, é também considerado como eficaz.

Quando alguém está com uma cólica ou uma dor de barriga violenta é bom beber um copo de azeite ou um copo de água morna.

Um remédio aconselhado contra as dores de cólica é tomar um copo de água em que se deitou um pouco do pó que se obtem, torrando o revestimento interior, amarelo, da moela da galinha e pulverizando-o em seguida.

A infusão de barbas de milho amarelo é tida como excelente específico contra as dores de barriga. Não deixarei ainda esquecido o aforismo popular:

Doi-te a barriga?!...
Salta para ribal...

Garrotilho:

Contra o «gorgotilho» é remédio aconselhado friccionar a garganta com o órgão genital do porco defumado, que se guardou da matança.

Pisaduras:

Nas pisaduras e pontadas é usado deitar bichas (sanguessugas), para tirar o sangue podre.

Nas pisaduras é bom aplicar sobre elas uma pasta feita com urjebão (*Verbena officinalis*, Lin.) pisado, que come aquele mal.

Diarreia:

Contra a «soltura» é bom comer trigo sêco porque «entapa».

O chá de pontas de silva é tido como bom remédio também.

São aconselhados ainda o caldo de trigo torrado, a água fresca com limão e o chá de cascas de pepino.

Picadela de víbora:

Acredita-se que a víbora não ouve e o povo costuma dizer:

Se o lisranço visse
E a víbora ouvisse
Estava o mundo perdido.

E ainda êste outro:

Mordedura de lisranço não tem descanso.

Acredita-se também que a picadela de víbora só é mortal para o primeiro animal picado nêsse dia. Quando a víbora pica qualquer animal deve atar-se-lhe imediatamente acima da mordedura uma verga de carvalho cerquinho muito arrochada e, a ferida é bom ser esfaqueada e golpeada, metendo-se depois em água corredia.

Ê remédio aconselhado também a aplicação de carne gorda de toucinho (1).

(1) Sobre a mordedura de víbora vd. Santos Júnior, *Notas de Med. pop. trasmont.* cit. págs. 50 e segs.; Bethencourt Ferreira e Santos Júnior, *Sobre o ofitismo em Portugal — Medicina popular das mordeduras de víbora*, in «Comptes-rendus du XV.º Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique», Portugal, 1930, pág. 704; Bethencourt Ferreira e Santos Júnior, *Notas sobre a medicina popular das mordeduras de víbora — A Pedra Bezoar*, in «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Coimbra, 1933.

O povo conhece perfeitamente o facto do porco ser refractário á picada de víbora e sabe também que êle, se a presentir, fossará até a encontrar, nem que para isso tenha de deitar a casa abaixo!...

Ougados:

Os meninos machos (!) estão muito sujeitos a ougar. Quando tal acontece ficam «enxêgados» e «oupila-se-lhes» o cabelo.

Para os curar faz-se um bolinho quando se coze o pão, e unta-se com azeite, fazendo-o comer à criança atrás da porta.

Idêntica prática conheço em Chaves, onde as crianças, para perderem o mêdo, devem comer e esbulhar atrás da porta uma cabeça de galinha.

Enxêgados:

Quando as crianças estão fraquinhas e enxêgadas levam-se a Felgueiras, freguezia próxima, dando-lhe um banho na pia de São Vicente.

A pia fica situada junto à capela dêste santo.

Saida do umbigo:

Quando as crianças se apresentam com o umbigo muito saliente põem-lhe sobre êle um vintém e ligam a criança à volta da cinta.

Queda do cabelo:

Contra a queda do cabelo é bom remédio lavar a cabeça com água em que se coze tormentêlo (*Thymus caespitius*, Brot.). E lá está a quadra popular a dizê-lo:

Menina d'além da ponte
Com que lavas o teu cabelo?
— Com uma ervinha do monte
Que se chama tormentêlo.

Lavar a cabeça com água-ardente dá-lhe fôrça e vigor também.

As mulheres usam untar o cabelo com banha de porco ou pingue sem sal.

Crê-se também que a resina do pinheiro é a causadora da *tinha*, como se acredita também que os gatos podem pegar a asma.

Sarampo:

É bom tomar chá de flores de sabugueiro (*Sambucus nigra*, Lin.).

Febre:

É bom atalhadoiro o chá de flor de sabugueiro e a aplicação de panos molhados em vinagre na testa.

Chá de raízes de urtiga (*Urtica membranacea*, Poir.) é usado também.

Feridas:

Para a cura de feridas é aconselhada a lavagem com água de malvas (*Malva rotundifolia*, Lin.).

É muito bom também sapejá-las com urina.

A aplicação sôbre a ferida de um pano embebido em azeite virgem é aconselhada como dando resultados seguros.

Quando alguém tem uma ferida, se deixar cair sôbre ela o sangue que escorre doutro ferimento da mesma ou doutra pessoa, a cura é imediata, por mais rebelde que ela seja.

Um remédio também usado é polvilhar a ferida com o pó obtido torrando ao lume uma camisa de cobra. Remédio semelhante é citado por Jerónimo Cortez num livro de 1786 (1).

Um outro remédio para feridas é a pomada que se obtém tomando cinco tostões de alvaiade e cinco tostões de pós de Joane e amassando tudo com azeite. Para que fique mais fresco é melhor fazer metade de cada vez, aplicando-o depois sôbre as feridas.

(1) «Segredos, e virtudes da pele, que a cobra costuma despir — A pele da cobra queimada, e posta em cima de alguma ferida a deixa sã; e se houver bico ou ferro metido dentro na carne costuma atraí-lo a si, até o tirar fora. Notem huma, e outra vez, e advirtão que quem trazer consigo os pós desta pele de cobra será preservado da lepra, de lhe empecer qualquer peçonha... porém se ha-de queimar a dita pele, estando o sol no signo de Aries...» — *Fysionomia e varios segredos da natureza*, composto por Jerónimo Cortez, Lisboa, 1786.

Dores de ouvidos:

Contra a dor de ouvidos é bom lançar no canal auditivo externo leite de mulher.

Inflamação dos olhos:

Faz muito bem lavá-los com água em que se ferveram rosas de Alexandria.

Um outro remédio é lavá-los com uma estriga de linho embebida em vinho.

A água de flor de malvas é também usada como bom remédio.

Dores dos rins:

Contra a dor dos rins é boa a água em que se ferveu hipericão (*Hipericum androsaemum*, Lin.).

Constipações:

Nas constipações são bons os escalda-pés.

Um remédio muito freqüente é tomar um xarope, que se obtém fervendo figos secos com vinho e mel.

São múltiplos os chás usados contra constipações, mas entre êles são mais vulgares os de lorangeira e os de avenca (*Adiantum Capillus Veneris*, Lin.).

Café com águaardente é aconselhado também.

Um remédio tido por excelente é obtido fazendo um caldo de unto e cebola, que se deixa ferver durante quatro horas. Junta-se-lhe então uma quarta de açúcar mascavado, deixando-o ferver mais meia hora. Toma-se em seguida muito quente.

Flato:

É aconselhado o chá de cidreira ou de limonete (*Lippia triphila*, Okze.).

Prisão de ventre:

Contra a prisão de ventre é bom comer cebola cosida em grande quantidade.

Dores de estômago:

Chá de fel da terra (*Centaurium umbellatum*, Gilib.).

Para que o leite seque:

Para que o leite de qualquer fêmea seque basta deixar queimar no lume uma pequena quantidade dêle.

Anemia:

É um remédio excelente a água em que se cozeram ferros-velhos, tomada tôdas as manhãs.

Tuberculose:

É remédio considerado eficaz a água em que se cozeram lesmas, tomada de manhã. Para cozer as lesmas atam-se estas num paninho.

Rendidos:

A criança que fôr rendida deve ser curada do modo seguinte: vai a madrinha e o padrinho com a criança a um monte e aí racham ao meio um carvalho cerquinho, abrindo-o em seguida. A madrinha posta dum lado passa a criança ao padrinho que está do outro, dizendo:

Como êste carvalho soldar
Assim esta criança há-de sarar.

Faz-se isto nove vezes.

Seguidamente metem-se cinco réis na fenda do carvalho e liga-se êste outra vez muito bem ligado com barro misturado com gordura. Conforme o carvalho fôr soldando assim a criança irá sarando.

Em vez da madrinha e do padrinho podem servir duas Marias, virgens.

Afirmam-me que um carvalho que existe nesta freguesia e de grande tamanho serviu a uma destas práticas para um indivíduo, que ainda é vivo.

Espinhela caída:

O povo chama espinhela caída à deslocação do apêndice-xifoideu do esterno, que pela sua natureza cartilágnea dá, por

vezes, essa ilusão. É caracterizada por uma grande debilidade e fraqueza. A causa rial é, naturalmente, a insuficiência alimentar e o trabalho em demasia. O indivíduo que tiver a espinhela caída precisa de erguê-la.

Para isso há sempre alguém que sabe levantá-la. Segundo-me contaram, é do modo seguinte:

O doente senta-se numa cadeira, junta os pés, encosta-se para trás e a erguideira agarrando-lhe os pulsos leva-lhe, vagarosamente e puxando-os sempre para trás, bem estendidos, os braços acima da cabeça. Se nesta posição os dedos coincidendo à mesma altura, não se trata de espinhela caída. No caso contrário, a prática continúa. A erguideira, conservando o doente com os braços erguidos, começa por lhe correr sôbre êles as mãos, de cima para baixo, esfregando-os vagarosamente.

Finalmente, é colocado na bôca do estômago do doente um emplastro feito com uma fatia de trigo, frita em azeite e com açúcar. Durante três dias o doente deve comer bem e não trabalhar.

Icterícia:

Um remédio tido como eficaz é comer piolhos vivos.

Um outro remédio aqui usado é feito da seguinte maneira:

Compra-se na farmácia um quartilho de água de rosas e divide-se em duas partes iguais. Numa lançam-se quatro claras de ovo e na outra o sumo das ervas sapeiras ou lampeiras⁽¹⁾, pisadas e borrifadas com um pouco de água no dia anterior.

Mistura-se tudo e mexe-se bem durante bastante tempo. Depois divide-se para tomar em nove manhãs, sendo necessário, depois de o tomar, passear uma hora ou hora e meia.

É preciso guardar dieta, só comendo carnes frescas e não bebendo nada, a não ser leite.

(1) Hepáticas do gen. *Marchantia*.

Se se tratar de casados, não podem dormir juntos durante os dias da cura...

Superstições diversas:

Enquanto se leem os banhos os noivos não devem ir à missa... para que os filhos, depois, não saiam moucos.

Chover no dia da bôda é indício de prosperidade futura e muita riqueza.

Quando uma criança entra pela primeira vez num moinho, deve meter-se-lhe a mão direita no olho da mó, para que não seja ladra.

Se, nascida uma criança, não há cuidado e os ratos lhe fogem com a «embide», ela será sempre traquina e ladra.

Os ramos bentos de oliveira do Domingo de Ramos têm a propriedade de preservar o lugar, onde estiverem, das faíscas, e queimados no lume afastam as trovoadas.

Quando um borborinho de vento volteja à roda duma pessoa é o diabo que se quer meter nela.

Galinha que canta de galo, ou cão que uiva muito, é sinal de morte.

Quando os ovos das galinhas são extremamente pequenos, são atribuídos aos galos, e acredita-se que dêles nascerá uma cobra.

O indivíduo que matar a primeira cobra que encontrar depois do inverno, não terá boa sorte nêsse ano, e o que a não matar, embora tente feri-la, não será capaz de matar mais nenhuma até ao ano seguinte.

Para que a casa não seja atingida de desgraça e a família de doenças, deve ser defumada com rama de pinheiro e fôlhas de eucalipto no primeiro de Agosto.

Quando os porcos, ao serem levados para a feira, teimarem muito, pelo caminho, em voltar para traz, é porque pressentem muito dinheiro ao dono.

O porco em cada noite sonha sete vezes que está a comer o dono, e o cão sete vezes que lho estão a matar.

Quando uma noqueira atingir a grossura da pessoa que a semeou, esta morre fatalmente. Esta crença dá por vezes origem à estúpida destruição da preciosa árvore por aqueles mesmos que a semearam.

Para ver de que é que o ano será mais farto, observa-se a flor (inflorescência) do jarro (*Arum italicum*, Lin.) que apresenta uma parte que se assemelha a grãos de milho e outra que se parece com centeio e trigo. A que fôr mais desenvolvida indicará a espécie de mais abundância nêsse ano.

O porco pinto só tem um rim... porque o outro pertence ao matador.

Em cada laranjeira cresce uma laranja que há-de matar uma pessoa.

No «entrelúm» não se devem lançar galinhas porque os ovos não saem, nem tirar batatas porque apodrecem.

As cobras, quando vão beber, deixam ficar cá fora a peçonha no chão. Acontece por vezes que, depois, não dão com ela. Ficam então furiosas, revolvem-se como se estivessem em chamas e acabam por morrer.

Quando alguém apanha um susto, causado por outra pessoa, é preciso que esta lhe ponha a mão na testa, para que lhe não aconteça mal.

O môço a quem alguma mulher, ao varrer a casa, varra os pés, terá muita dificuldade em casar.

Os rapazes que comerem o pequeno embrião das castanhas serão atacados de piolhos.

Sonhos:

Sonhar com uvas brancas é sinal de morte.

Sonhar com uvas pretas é indício de cartas que chegam.

Sonhar com estrume é sinal de dinheiro.

Sonhar com alfaces é sinal de baptizado.

Sonhar com frangos é sinal de boda.

Sonhar com azeite é sinal de perdas.

O «sardão» e alguns remédios dos suínos:

Quando os porcos não endireitam o rabo têm «sardão». Para medrarem é preciso cortar-lho, o que se faz com um ferro quente numa mutilação quási total.

Para que aos bacorinhos recém-nascidos não caia o rabo unta-se-lhes todos os dias com petróleo da candeia.

Para curar a tosse dos porcos é bom dar-lhe uma camisa de cobra a comer ou, então, dar-lhe um chá feito com ela. Acredita-se ainda que se a camisa fôr de cobra macho não fará efeito algum.

O mesmo remédio é usado também para as vacas.

Quando os suínos comem mal é necessário «olhar-lhes a bôca». Corta-se-lhes então a «bicha», que está debaixo da língua e, queima-se-lhe o trevo dos dentes com o rabo duma colher, levada ao rubro.

Para atalhar à febre dos porcos faz-se-lhe uma barrada com barro do forno e vinagre, nas cruzes.

Para a tosse das vacas:

Para a tosse das vacas é bom dar-lhes a beber urina humana, tôdas as manhãs.

Sólho:

O sólho, doença que ataca as mãos e os pés das vacas é curado com vitríolo, a que o povo chama *metriül*.

Sangrias:

São muito usadas as sangrias principalmente para as vacas. O local é em geral a base da cauda. Para provocar a afluência do sangue antes de fazer o golpe, dão-lhe com um pau na região onde êle há-de ser feito.

Gravidez das porcas:

O tempo da gravidez das porcas é contado desta maneira:

Três meses, três semanas,

Três dias, três horas,

Três meias-horas:

Bacorinhos fora.

Gôgo e outras doenças das galinhas:

Quando as galinhas têm gôgo espeta-se-lhes no pescoço uma pena da cauda e arrancam-se-lhe as penas novas.

Não é raro ver também, quando as galinhas não comem, tirar-lhes a «pibeda» isto é, com uma agulha arrancam-lhe a extremidade coriácea da língua.

Uma galinha «desinövada» sarará imediatamente se fôr passada através das calças dum homem.

Já vi também várias vezes interessantes operações de cirurgia em galinhas. Quando, por comerem muito, lhes incha o papo dum modo extremo a dona agarra numa tesoura, rasga-lhe a pele e os tecidos, despeja-lhe o grão e torna a coser-lhe com uma agulha e uma linha a incisão feita, deitando-lhe no fim sôbre a ferida umas gotas de azeite. E o animal, quási sempre, não morre.

Os pintaínhos são atacados terrivelmente pelos piolhos que se localizam em geral na cabeça. Para os destruir por completo basta untar-lha com o suco da erva piolheira (*Angélica silvestris*, Lin.).

Oração das doze palavras:

Entre as orações destinadas aos moribundos a mais interessante é a oração das doze palavras ⁽¹⁾.

(1) Esta oração é largamente espalhada de norte a sul do país. Vd. Santos Júnior, *Estudo antropológico e etnográfico da população de S. Pedro (Mogadouro)* in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. II, Pôrto, 1924, págs. 160 e segs.

A crença popular diz que esta oração começada tem de ser acabada, e foi por isso que o diabo a foi perguntar ao moribundo Custódio. Se êle se enganasse ficaria em poder do demônio.

É do seguinte modo:

Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as doze palavras.

a) Diz-me lá a uma.

— A uma é o sol mais claro que a *lúa*, como Nossa Senhora não há nenhuma.

b) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as duas.

— As duas são as duas tabuinhas de Moisés onde Nossa Senhora põe os pés.

— A uma é o sol mais claro que a *lúa*, como Nossa Senhora não há nenhuma.

c) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as três.

— As três são as três pessoas da SS. Trindade.

— As duas são as duas tabuinhas de Moisés onde Nossa Senhora põe os pés.

— A uma...

d) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as quatro.

— As quatro são os quatro evangelistas.

— As três...

— As duas...

— A uma...

e) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as cinco.

— As cinco são as cinco chagas.

— As quatro...

—

f) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as seis.

— As seis são os seis círios bentos.

— As cinco...

g) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as sete.

— As sete são os sete sacramentos.

— As seis...

—

h) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as oito.

— As oito são as oito *aventuras*.

— As sete...

—

i) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as nove.

— As nove são os nove coros de anjos.

— As oito...

—

j) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as dez.

— As dez são os dez mandamentos.

— As nove...

—

l) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as onze.

— As onze são as onze mil virgens.

— As dez...

—.....

m) Custódio, amigo meu.

— Custódio sim, amigo teu não.

Diz-me lá as doze.

— As doze são os doze apóstolos.

— As onze...

— As dez...

—.....

E termina dizendo:

Doze raios tem o sol

Doze raios tem a lua

Arrebenta aí demónio

Que esta alma não é tua.
